

Depois de Lacan: el ruido y las nueces¹Por Fernando Urribarri²

O jornal *Le Nouvel Observateur* do dia 10 de setembro de 2010 iniciava sua página perguntando retoricamente: “Por que o trigésimo aniversário da morte de Lacan se tornou um pugilato entre seu genro e seu editor?” De fato, Jacques-Alain Miller, que nos últimos anos alternara entre o ostracismo depressivo e a expansividade teatral, retornava novamente à cena para acusar Olivier Bétourné, o CEO (*Chiefexecutiveofficer*) das *Editions du Seuil* – a editora responsável pela publicação dos *Escritos* e dos *Seminários*, de Lacan – de armar um complô contra ele e de desfavorecê-lo no lançamento midiático e comercial do relevante aniversário. Literalmente, Jacques-Alain Miller acusava Olivier Bétourné de “tecer uma rede de silêncio” para isolá-lo, deixando-o de fora das decisões publicitárias e de imprensa. Em suas palavras, “fazendo com que as livrarias acreditem que sou inacessível, para que não me convidem”. E ainda mais: Miller denunciou que, ao mesmo tempo em que o isolava, Bétourné “estava promovendo outra pessoa” – ninguém menos do que a própria esposa do editor, Elisabeth Roudinesco, também autora da *du Seuil*, que estava lançando um livro sobre o falecido mestre para a mortificante comemoração. Sem ironia nem consciência do ridículo, Miller protestou: “Vocês querem me enterrar vivo?”

Para aumentar a teatralidade do gesto, Miller anunciou sua saída da *Editions du Seuil* por meio de uma carta pública, com impropérios incomuns dirigidos contra o editor, que a leu... em um teatro. O periódico *Liberación* zombou da situação com a manchete: “*Chega de lacanear*, diz Miller a *Editions du Seuil*”. À velocidade do *zapping*, o genro, em desgraça, trocou a editora por outra do mesmo grupo proprietário, a *Hervé de La Martinière*. Em outras palavras, passou “do sexto para o quarto andar do mesmo edifício”, como comentou o impassível Bétourné. E, então, publicou apressadamente *Vida de Lacan* (escrito, de acordo com o autor, em torno de vinte dias).

Em Paris, as piadas se multiplicaram: “Quem está mais morto: Lacan ou o lacanismo?”; “O lacanismo é um zumbi: apesar de caminhar, avisem-no de que está morto”.

¹ Traduzido do espanhol por Janaína de Azevedo Baladão.

² Psicanalista Argentino. E-mail: zonaerogena@yahoo.com

Alheio ao mundo e obcecado pelo jornal *Le Monde*, no micromundo lacaniano se gerava outro escândalo prestes a estourar, e não seria em função do documentário televisivo realizado por Gerard Miller. Assim como não seria por causa da vigília de involuntários ares espiritistas na *École Normal e Supérieure* da *Rue d'Ulm*, na própria sala onde Lacan proferiu seu seminário, local onde, nas palavras do jornal *Le Nouvel Observateur*, “reuniu-se todo o pequeno mundo lacaniano” para revezar-se na leitura ininterrupta de passagens escolhidas do mestre até a meia-noite.

Em seu livro comemorativo de conteúdo incisivo, *Lacan, envers et contre tout*, Roudinesco mais uma vez afirmou (como em sua biografia de 1998) que este teria desejado um “funeral católico” com todos os ritos, mas que a família o enterrou privadamente, sem nenhuma cerimônia, em um pequeno cemitério no campo. “Foi questionado” – escreveu a revista *Le Point* – “o fato de que os herdeiros não teriam respeitado a última vontade do mestre”. Esse foi o motivo argumentado por Judith Miller, filha de Lacan, para considerar-se ofendida e promover ações judiciais contra Elisabeth Roudinesco. A combativa historiadora não demorou em responder referindo-se ao caráter paranoico e “adolescentoide” do indiscutível líder do lacanismo dogmático, de quem ainda se continua esperando a vagarosa (e polêmica) transcrição e publicação dos seminários que, no ritmo atual – de uma publicação a cada três ou quatro anos – terminariam apenas em 2050. A história culmina em um novo embate na mídia marcando a autodifamação da psicanálise e do debate intelectual, nesse caso, provocada pela judicialização da controvérsia por parte da filha do pai e esposa do genro.

No entanto, ao diminuir a maré midiática, com sua voragem sectária, foi possível notar que o legado de Lacan continua vivo no pensamento dos que seguem pensando. Nos textos seguintes, o leitor poderá apreciá-lo diretamente em três grandes autores, Julia Kristeva, André Green e Jean-Bertrand Pontalís, que estão entre os mais reconhecidos no mundo da psicanálise e do pensamento contemporâneo. Ensaïemos agora uma breve menção de duas das principais correntes e autores originais sobre os quais atualmente se destaca a influência de Lacan.

De acordo com esse critério, ficam de fora as imitações, glosas e comentários talmúdicos do autor de os *Ecrits*, ou seja, a maior parte da produção lacaniana. Com duas exceções: os poucos autores lacanianos não dogmáticos e alguns pensadores que trabalham fora do campo psicanalítico. No primeiro grupo, é possível considerar, principalmente, os

nomes de Paul-Laurent Assoun, René Major, Patrick Guyomarde Roland Gori. No segundo, destacam-se Alain Badiou, Jean-Claude Milner, Étienne Balibar, Jacques Rancière: filósofos de origem althusseriana em comum, que evoluíram em direções diversas e singulares, e que dialogam com o pensamento de Lacan (os dois primeiros reivindicando-se lacanianos; e os dois últimos não).

A outra corrente corresponde ao movimento pós-laciano, composto pelo o que a própria Roudinesco qualifica como os principais autores psicanalíticos atuais. Trata-se dos primeiros e principais discípulos de Lacan que foram rompendo com ele à medida que se tornou “chefe” de uma escola, de um movimento dogmático militante. São autores cuja consigna inicial foi “nem sem Lacan nem apenas Lacan” e que construíram um espaço freudiano pluralista, fundado em uma espécie de pacto fraterno. Inspiraram-se nas palavras, mas, sobretudo, no espírito renovador de Lacan. Transformaram inovadoramente a psicanálise investigando sobre o que havia sido excluído (às vezes esquecido, às vezes vedado) pelo modelo laciano: o afeto, o corpo, a história, o ego, os casos fronteiros, a psicossomática, etc. Em conjunto com os três autores entrevistados a seguir, também se destacam Joyce McDougall, Jean Laplanche, Didier Anzieu, PieraAulagnier, René Kaës, Cornelius Castoriadis. São pensadores cujas obras representam o pilar do que se conhece hoje em dia como a Psicanálise Contemporânea.

Entrevista a JB. Pontalis³

Fernando Urribarri – Gostaria de conversar sobre a psicanálise “depois de Lacan”. Começo, então, perguntado sobre o significado do título, provocativo, de seu primeiro livro, intitulado *Depois de Freud*.

Jean-Bertrand Pontalís – Não se trata de uma constatação de que Freud está “superado”, mas sim de uma proposta oriunda da necessidade de um trabalho específico, de pensamento, de historização do pensamento, para situar-se e dar conta do efeito produzido por Freud. Porém, para que isso ocorra, antes de tudo, é preciso tornar visível a distância irreduzível que nos separa dele. Essa distância é a condição de possibilidade de uma leitura autêntica, fecunda e inclusive de uma nova escrita. Uma escrita nova que não seria nem a mimese nem a glosa de outro texto e de outro estilo. Por esse motivo, trabalhar com a obra de Freud – como diz também Laplanche – não é tornar-se “freudólogo”, mas sim submeter seus textos ao método que criou, para descobrir as linhas de força que determinam suas idéias, as “exigências” subjacentes que estão implicadas e que orientam o movimento dessa força.

Uma obra de pensamento é uma obra que permite e provoca o trabalho dos outros! É uma fonte inesgotável, não um livro sagrado. Não isenta de que se pense por si próprio. É justamente o que pode ser criticado nos lacanianos: em vez de se inspirarem em Lacan, este, na verdade, não os inspira. Limitam-se a copiar, imitar, defender ou propagar suas idéias. Por sua originalidade de cultura, brilhantismo de inteligência, audácia de pensamento, estilo de vestir e falar – um estilo oral menos hermético do que sua escrita –, Lacan se diferenciava extraordinariamente dos demais analistas de sua geração. No entanto, em determinado momento, deixou de usar esse dom para inspirar ou estimular, passando a usá-lo para fascinar. Nesse ponto, não apenas para seduzir, como sempre havia feito, mas sim para fascinar, provocando uma espécie de mudez em seu auditório, que já não podia mais pensar sem usar e repetir as palavras de Lacan.

Fernando Urribarri – Além de ser um dos mais destacados, o senhor esteve entre os primeiros discípulos de Lacan. Inclusive, encarregou-se de transcrever alguns seminários por

³ Traduzido do espanhol por Janaína de Azevedo Baladão.

volta dos anos 1950. Gostaria de conhecer sua visão sobre o “retorno a Freud”, proposto por Lacan.

Jean-Bertrand Pontalís – Acredito que, de maneira pessoal, posso distinguir dois tempos. Primeiro, o tempo no qual essa consigna foi efetivamente seguida. Hoje, para os jovens, é difícil imaginar o quanto a obra de Freud era ignorada no início dos anos 1950. Poucos textos estavam traduzidos e as traduções eram muito ruins. Os psicanalistas desse período faziam referências e reverências a Freud, mas sem ir de fato ao texto, sem abordá-lo diretamente. Então a consigna de Lacan provocou um verdadeiro retorno a Freud. Uma recuperação para qual esse retorno significava: “vamos ver!”. Nesse movimento que se animava encontram-se, sem dúvida, as melhores páginas escritas pelo próprio Lacan. Logo depois houve um segundo tempo no qual o retorno “se voltou” (se posso dizer dessa forma) contra o próprio Lacan. Tomamos ao pé da letra essa consigna! Refiro-me ao trabalho representado pelo *Vocabulário da Psicanálise* que fizemos Laplanche e eu no início dos anos 1960. Nós não conhecíamos, nessa época, Freud melhor do que os outros. Não tínhamos um conhecimento prévio para aplicá-lo. Esse trabalho de rigoroso retorno sobre a obra freudiana nos fez descobrir e mensurar a enorme diferença que havia entre os textos freudianos e as interpretações que Lacan propunha.

Nossas descobertas desagradaram Lacan. Fomos descobrindo assim, de maneira paradoxal, um pouco irônica, que a consigna de “retorno a Freud” se referia muito mais a ideia de “ir a Lacan”. Recusamo-nos a aceitar a leitura “canônica”, proposta por Lacan, ao pretender ser “O leitor” de Freud, seu único herdeiro. O dogmatismo no discurso foi sendo acompanhado de uma criação de uma espécie de neolíngua, repleta de expressões idiomáticas, *slogans*, tiques e senhas, cuja função não era suscitar o pensar, mas sim o pertencer. Então, nós escolhemos manter a inspiração inicial do projeto que Lacan nos havia proposto. E, em especial, a ideia de um trabalho rigoroso que reconhecesse a complexidade e a diversidade de linhas de pensamento que atravessam e configuram a obra freudiana. Inclusive, estando contra a proliferação do jargão lacaniano, procuramos favorecer um retorno à “língua freudiana”. Uma língua que, em Freud, não apresenta nenhum neologismo e cuja complexidade não é nada menos do que a de seu objeto de investigação e a de seu método de elucidação e transformação mediante a palavra. Não estávamos sozinhos nisso: havia muitos outros, diria a maioria dos autores originais que iria destacar-se nas décadas seguintes, como Granoff, McDougall, Aulagnier, Anzieu, Green, etc.

Fernando Urribarri – Os dois últimos nomes – Didier Anzieu e André Green– foram convocados por você para o seu projeto seguinte: A *Nouvelle Revue de Psychanalyse* (*Nova Revista de Psicanálise*), publicada entre 1970 e 1995.

Jean-Bertrand Pontalís – De fato, decidimos fazer números temáticos com títulos que não eram oriundos do vocabulário freudiano, nem do vocabulário técnico. Dessa forma, esses números indicavam questões que podiam ser reconhecidas por todos, mais amplas, e que podiam ser também, dessa forma, abordadas em uma convergência ou cruzamento com outras disciplinas. Hoje muitos destacam o papel desempenhado na introdução de certos temas e modos como são abordados: o corpo, o vazio psíquico, a ilusão, as paixões, os transtornos do pensamento e o que nós denominamos de “os limites da analisabilidade”, isto é, toda a constelação de problemas teóricos e clínicos que atualmente estão no centro da psicanálise contemporânea. Em relação a isso, é possível também reconhecer, de maneira indireta, a inspiração de Lacan, no que diz respeito à convicção que nos transmitiu inicialmente sobre a relação fundamental, enriquecedora e necessária da psicanálise com seu tempo, com os problemas e criações que o cercam.

Entrevista a A. Green⁴

Fernando Urribarri – Fale-me de seu encontro e de sua relação com Lacan.

André Green – Acredito que minhas relações com Lacan se dividem em três etapas. De 1954 a 1960, de 1960 a 1967 e de 1967 em diante. A primeira foi uma etapa de observação mútua, de aproximação, enquanto a segunda foi de colaboração ativa. A última foi uma etapa de maior independência, um período de desenvolvimento de minha própria obra. Encontrei Lacan em 1954 em Saint Anne, um ano após a saída de seu grupo da Sociedade Psicanalítica de Paris para fundar, com Lagachee Dolto, a Sociedade Francesa de Psicanálise. Sem me conhecer pessoalmente, ele me enviava mensagens, fazia com seus textos chegassem até mim, inclusive por meio de meu amigo Rosolato, que se analisava com ele. Ele queria que eu me juntasse a ele. De minha parte, estava fascinado com as leituras de seus trabalhos. O encontro pessoal ocorreu no Colóquio de Bonneval em 1960. Então, Lacan me convidou para seu seminário e começou uma etapa de colaboração.

Foi um período de extraordinária riqueza intelectual na França. Um período de convergência no movimento estruturalista das contribuições de Lévi-Strauss, a recuperação de Saussure – graças a Merleau-Ponty –, de Marx – graças a Althusser. Tinha-se a impressão de um progresso, de livrar-se de certos fardos e limitações: especialmente do marxismo mecanicista, da fenomenologia de Sartre e do domínio do ponto de vista genético. Lacan se filiou a esse movimento estruturalista ao seu modo. Porém, o que destacava Lacan era a profundidade de sua leitura de Freud: ia longe, fazia pensar. Porque tinha uma maneira de dirigir-se ao inconsciente. E provocava efeitos. Apesar disso, quando um psicanalista voltava ao consultório para escutar um paciente, perguntava-se sobre que relação tinha o que dizia Lacan com a prática, e então surgiam dúvidas sobre sua consistência.

Fernando Urribarri – Como foi esse período de colaboração?

André Green – Eu fazia parte do movimento lacaniano e no entorno de Lacan exercia o papel de “oposição de sua majestade”. Pertencer à Sociedade Psicanalítica de Paris me dava a possibilidade, quase exclusiva, de ser, com Lacan, um interlocutor crítico. Possivelmente, isso contribuiu para que ele me concedesse a honra de ser o primeiro de minha geração a ser

⁴ Traduzido do espanhol por Janaína de Azevedo Baladão.

convidado a expor em seu seminário. Além disso, Lacan estava sempre disposto ao trabalho. Se alguém queria, por exemplo, discutir um tema, ele convidava a sua casa, a jantar, a conversar. Em geral, foi um estímulo fantástico que certamente o agradeço. É verdade também que Lacan era um político, um chefe de escola, que se valia de todos os recursos para forçar os vínculos com ele: da intimidação à sedução. Favoreceu muito a fantasia do filho dileto. Era um grande sedutor. As lembranças que tenho desse período me permitem dizer que Lacan foi alguém por quem tive muito apreço. Se não digo isso, faltará algo essencial em meu discurso.

Fernando Urribarri – Que balanço atual o senhor faz sobre as contribuições de Lacan para a psicanálise?

André Green – Para fazer um balanço, ainda que seja muito esquemático, preciso falar de teoria e de clínica. A primeira e principal contribuição de Lacan foi renovar a leitura de Freud. De duas maneiras: por um lado, postulando e demonstrando a necessidade de uma leitura profunda, na qual estendeu toda sua maestria. Por essa via, recuperou a diferenciação freudiana entre instinto biológico e pulsão sexual; no papel central do desejo como motor do humano; a compreensão do complexo de Édipo já não como mera fase, mas sim como uma estrutura fundamental da subjetivação/socialização; a importância fundamental da linguagem na teoria e na cura analítica.

Por outro lado, Lacan, com sua notável erudição, propôs reinterpretar e reelaborar essas e outras questões freudianas apoiando-se nas contribuições de outras disciplinas. Primeiramente na linguística saussuriana e na antropologia de Lévi-Strauss. Mais tarde na matemática e na topologia. Isso, que inicialmente parecia muito estimulante, transformou-se logo em decepção, porque se começaram a tornar evidentes as importações e extrapolações inconscientes de um campo de saber ao outro. Tomemos, por exemplo, a fórmula “o inconsciente está estruturado como uma linguagem”: comporta a redução da heterogeneidade do inconsciente freudiano (que combina afetos e representações) à homogeneidade da ordem significante, próprio da linguagem. Então, Lacan nomeava à linguística como “ciência-piloto”, recusando dar ao afeto qualquer importância. Depois disso, com a busca de formalização teórica mediante fórmulas matemáticas (matemas), o estrago foi ainda maior.

Em relação à caducidade desses aspectos na obra de Lacan, não é menor o fato, compreensível, de que muitas das teorias utilizadas foram modificadas em seus próprios campos de origem. Um exemplo decisivo decorre justamente da linguística, pela descoberta

dos trabalhos inéditos de F. de Saussure, que, entre muitas outras coisas, substitui a noção de significante pelo signo vocal. Além disso, toda a linguística francesa atual – liderada por Culioli, Rastiere Bouquet – passou pelo que se denomina de predomínio do polo lógico gramatical (privilegiado pelo estruturalismo e por Lacan) ao polo retórico-hermenêutico. Apesar de que aqui também se deve dizer que o problema, talvez, não seja tanto de Lacan, mas sim do lacanismo, como movimento dogmático que não é capaz de revisar o pensamento de seu Mestre.

Fernando Urribarri – E como o senhor vê a contribuição de Lacan em relação à clínica?

André Green – Acho que a clínica é um terreno no qual a contribuição de Lacan está limitada, inclusive, desatualizada, porque essencialmente suas contribuições se referem à neurose. Por sua vez, Lacan não chega a reconhecer nem abordar os quadros “fronteiriços”, que predominam e definem o campo psicanalítico contemporâneo. Rejeita ou simplesmente ignora a especificidade dos funcionamentos fronteiriços (*bordeline*) dos transtornos psicossomáticos ou narcisistas, como a anorexia, a bulimia, as adições, etc., as patologias da ação, que colocam, por completo, em xeque a palavra. Para piorar, as famosas sessões ultracurtas (de 5 a 15 minutos), logo copiadas por seus seguidores, mostraram-se particularmente inadequadas para tratar esses pacientes graves.

Fernando Urribarri – Depois da morte de Lacan, como o senhor observa a evolução de seu legado intelectual?

André Green – Depois de Lacan, que é um autor fundamental, existem dois grandes movimentos. Aliás, já existiam antes de sua morte. Por um lado, existe o movimento lacaniano, para o qual Lacan é um referente excludente, e que se constitui em um movimento bastante dogmático, dividido em muitas partes e alianças. Porém, às vezes, encontramos alguns lacanianos independentes, menos sectários, que, além do mais, abrem-se ao diálogo com outros autores.

Por outro lado, existe um movimento pós-lacaniano. Inicia-se nos anos 1970 e é uma corrente de pensamento heterodoxa, institucionalmente transversal. No lugar de um novo discurso totalizante, irá construindo uma nova matriz freudiana aberta, pluralista, complexa. Uma matriz que é para a psicanálise o que o pensamento complexo (de Edgar Morin e outros) é para a epistemologia. É o que se conhece hoje como Psicanálise Contemporânea.

O movimento pós-lacaniano é composto e impulsionado pela maioria dos primeiros e principais discípulos de Lacan. Nós que o seguimos em nome da renovação freudiana e da liberdade de pensar, e que fomos rompendo com ele à medida que se tornou um chefe de uma Escola Lacaniana que exigia militantes dogmáticos para sua causa. Refiro-me a J. Laplanche, P. Aulagnier, J. B. Pontalís, G. Rosolato, D. Anzieu, D. Widlöcher, J. Kristeva, entre outros. Os pós-lacanianos rejeitam o lacanismo e o antilacanismo. Por um lado, reivindicam a riqueza de determinadas contribuições de Lacan; e, por outro, propõem colocá-las a trabalhar dentro de uma matriz pluralista, aberta aos novos desafios que apresentam os novos quadros clínicos e as formas atuais de mal-estar na cultura. A primeira materialização desse movimento foi constituída pela *Nova Revista de Psicanálise*, iniciada por J. B. Pontalís em 1970.

Costumo dizer que essa corrente, que hoje predomina na França, cujos autores são certamente os mais reconhecidos, produziu uma verdadeira revolução na clínica. Especialmente por explorar e ampliar os limites da “analísabilidade”, dos pacientes que podem tratar-se por meio de formas renovadas da técnica psicanalítica. Mais recentemente cheguei a pensar que, como é lógico, esse processo produziu o surgimento de um novo paradigma, teórico e clínico, contemporâneo. Seu fundamento é freudiano, e está atualizado com as contribuições de Lacan (que é um dos maiores autores de referência); também com os autores ingleses, como D. W. Winnicott e W. Bion; e com as contribuições de argentinos, como J. Bleger e os Baranger. Todas essas contribuições estão submetidas à prova da clínica com as estruturas não neuróticas que predominam na atualidade.

Os autores contemporâneos têm explorado novos temas territórios, muitas vezes excluídos pelo modelo lacaniano, como os afetos, o corpo, a história, o ego, etc. Para tanto, procuraram apoiar-se parcialmente, e até mesmo avançar, em relação às contribuições de Lacan. É o que se pode reconhecer nas contribuições de Laplanche sobre o significante enigmático; nas de Pontalís sobre a ausência; nas idéias de Aulagnier sobre o pictograma (distinto e articulado com o imaginário e o simbólico); ou nos meus trabalhos sobre a terceiridade e o negativo.

A Paixão Segundo Kristeva⁵Por Fernando Urribarri⁶**Fragmentos de um Discurso Apaixonado**

Diferentemente de certos intelectuais obcecados em mostrarem-se donos absolutos de seu saber e de si mesmos, Julia Kristeva transita com extraordinária liberdade entre seus múltiplos territórios: literatura, semiologia, linguística, filosofia, psicanálise. Certa paixão pela alteridade parece impulsionar esta “estrangeira” – como a batizou Roland Barthes, ao captar e festejar precocemente sua capacidade de desestabilizar as identidades e os saberes.

Algumas décadas depois em Buenos Aires, com a mesma visão sonhadora, aguçada, disse-me: “Eu me viajo”. Essa fórmula com a qual condensa seu estilo e sua biografia surpreende-me quando a aplica como diálogo, em uma entrecortada e ininterrupta conversa portenha de quase quatro dias. “Viajamo-nos.” Enquanto eu passeio pela cidade, ela me conduz por sua história, indissociavelmente íntima e intelectual.

Corra, Julia, Corra

Caminhamos a sol a pino pelo *Rosedal* de Palermo. Ela está feliz porque em nenhum outro lugar havia reencontrado um jardim de rosas igual ao de Silven, cidade de sua infância. “Parece que, quando eu era pequena, era um tanto retraída. Não falei quase nada até os dois ou três anos de idade. Até que um dia, no roseiral, senti uma emoção, um entusiasmo tão grande, que comecei a correr sem parar. De felicidade. Corria, corria e tropeçava, enquanto minha mãe gritava pedindo para que eu parasse. Porém, eu seguia correndo, caindo, esfolando os joelhos, levantando. Minha mãe se desesperava, mas eu continuava e lhe gritava: ‘Não é nada, mamãe (é apenas um pouco de sangue)’. Parece que, a partir desse dia, mudei”.

⁵ Traduzido do espanhol por Janaína de Azevedo Baladão.

⁶ Psicanalista Argentino. Endereço para correspondência: zonaerogena@yahoo.com

Falar sobre corridas me faz pensar em sua fuga do Leste em direção ao Oeste europeu. “Cheguei à França em 1965 com uma bolsa de estudos. Contudo, não foi fácil. O problema em relação a essas bolsas era que as autoridades comunistas da Bulgária as ofereciam apenas aos mais velhos, que não falavam francês. Portanto, ninguém as aproveitava. Eu falava bem o idioma francês e estava fazendo uma tese sobre o ‘Nouveau Roman’. Meu orientador teve a ideia de fazer com que me inscrevesse. E também teve a astúcia de aproveitar a ausência do dirigente da universidade, que se opunha às viagens ao estrangeiro. Dessa forma, fiz a prova, obtive a bolsa e no dia seguinte estava voando para Paris. Cheguei ao final de 1965, às vésperas do Natal, com 24 anos, cinco dólares no bolso e uma bolsa que começaria a ser paga em fevereiro... (faz uma pausa e seu olhar volta a acender-se) Mas também segui adiante e não foi nada demais.”

A evocação do episódio infantil, com suas corridas e suas rosas de sangue nos joelhos, faz com que eu pense em suas ideias mais recentes sobre o tempo: como o tempo da vida, do início, da eclosão. “É um ponto chave na minha pesquisa atual sobre a paixão materna, como fonte de subjetivação e grau zero de alteridade. Acontece que, de Platão a Heidegger, a tradição filosófica, principalmente masculina, liga o tempo humano à finitude. Para o ser falante, o tempo estaria determinado pela ameaça da morte, pela consciência da mortalidade. Faz-se do tempo o tempo da morte. Claro que a obsessão da morte não é desconhecida à experiência materna pela fragilidade da criança: toda mãe pensa nisso. Porém, há outra dimensão da experiência materna – que é diferente à experiência que pode ter um homem. É o tempo do começo, do nascimento: é outra marca do tempo, que se renova a cada filho e com a geração seguinte. Essa é uma questão de grande profundidade filosófica que denomino de *início* ou de *eclosão*. Não se reduz à experiência de parir, mas sim está aberta a qualquer outra série de experiência humana, ao mesmo tempo, corporal e simbólica. Embora isso tenha sido percebido intuitivamente por alguns filósofos, eu encontrei uma referência extraordinária nessa grande escritora que foi Colette. Para ela, o grande acontecimento trágico, que marca a condição humana, não é a morte, mas sim a eclosão, o nascimento, o início, que está carregado de tensões e de ambivalência: de possibilidades de criação e de destruição.”

Fragmentos de um Discurso Apaixonado: Sollers, Barthes & Cia.

Na vida e na obra da autora de *O gênio feminino*, feminista heterodoxa, os homens estão longe de serem intranscendentes. “Em Paris, logo encontrei Philippe Sollers, o que me

salvou. Nós nos apaixonamos imediatamente, em pouco tempo nos casamos e nunca nos separamos. Há pouco comemoramos 40 anos juntos, que tal? Foi Philippe que me introduziu totalmente no meio intelectual parisiense, em uma época dourada, de plena efervescência cultural, estética e política. Ele já dirigia a revista *Tel Quel*, e era um jovem romancista próximo do *Nouveau Roman*. Philippe me levou ao seminário de Lacan, que logo começamos a frequentar.” Como em um filme (ou em um desses programas em que se juntam o entrevistado e alguém de seu entorno “ao vivo e diretamente”) toca o celular e é o próprio Sollers na linha. Ele pergunta se os dois irão comparecer ou não a Veneza, em 15 dias, a um determinado evento. Quando desligam, sua esposa me diz com ternura: “Ele me liga seis vezes por dia. E pensar que tem toda essa fama de Don Juan”.

“Outra pessoa fundamental foi Rolland (Barthes). Até mesmo poderia dizer que ele ajudou a salvar nosso casamento. Isso poucos sabem. A família, burguesa, de Sollers me aceitou muito bem quando fui apresentada como sua namorada. Porém, quando Sollers contou que iríamos casar, fecharam as portas para nós dois. Literalmente. Um dia nós fomos à casa de campo e nos deixaram do lado de fora. Tivemos de ir para um hotelzinho. E, claro, a família não compareceu ao nosso casamento. As coisas estavam nesse ponto quando a mãe de Philippe escutou na rádio Barthes, ao que tudo indica, falando muito bem de mim. Repentinamente a pequena camponesa do Danúbio, a búlgara arrivista se tornava uma pesquisadora respeitável. Rapidamente a mamãe me ligou e voltamos a ser aceitos e *c’est fini*. Tudo graças a Rolland!”

Barthes a acolheu em seu seminário e a apoiou com uma formidável generosidade desde o início. Prontamente, honrou-a com um convite para fazer uma exposição sobre as ideias do linguista russo M. Bakhtin, e logo lhe deu seu passaporte ao reconhecimento público ao fazê-la publicar na prestigiosa revista *Critique*. Pouco tempo depois, em 1971, foi esse mestre e amigo que se ocupou da tarefa de transformar o reconhecimento em consagração ao dedicar à Kristeva o clássico e curto artigo “A estrangeira”. “Para mim, foi uma completa surpresa. Ele não tinha me avisado. Abri La *Quinzaine Littéraire* e estava lá. Rolland soube descobrir meus defeitos, mas para torná-los promessa de elaboração, de rigorosa análise de mim mesma, da linguagem e dos demais enquanto se enclausurassem em qualquer paixão endogâmica. Percebeu em minhas precipitações juvenis uma ‘estrangeiridade’ fértil que me atribuía, talvez, com excessiva generosidade. Apesar de tudo, esse gesto não era inocente na medida em que abria o Templo das Letras francesas para

alguns imigrantes que prontamente não deixariam de perturbar o bom gosto para franquear à literatura gaulesa um acesso ao terceiro milênio.”

“Tive a sorte de ser entendida de maneira amistosa. Quando quis pesquisar sobre o *Nouveau Roman*, descobri que devia reportar-me à sua história e, portanto, abrir a estrutura. E tive a sorte de que os próprios estruturalistas, como Barthes e Lévi-Strauss, apreciassem minhas ideias. Dessa forma, pude enriquecer esse movimento com as noções de ‘intertextualidade’ e de ‘dialogismo’, e de enriquecer a semiótica com a psicanálise, ao propor uma ‘semanálise’, e também colaborar para o surgimento do que se costuma chamar de pós-estruturalismo.”

“Nesse mesmo sentido, em relação a Rolland, sinto-me muito feliz de ter podido influenciar, ou melhor, favorecer, essa mudança em sua obra, que pode ser lida em seu interesse pelo ‘prazer do texto’, pelo ‘discurso amoroso’. Isso me lembra de uma atitude, uma comédia, que, de certa forma, vem ao caso. Minha amiga Teri Damisch e seu marido, que eram também seus amigos e vizinhos, surpreenderam-me ao contar-me – muito tempo depois – como Rolland se declarava apaixonado por mim. Inclusive, ele dizia, sem nenhuma ironia, embora com seu humor tranquilo, que seu eu não estivesse casada, teria me pedido em casamento.”

Paixão Psicanalítica: de Jacques Lacan a André Green

Sabemos que a linguista, autora de *A revolução da linguagem poética*, desde a década de 1960 havia se interessado pela psicanálise, chegando a propor uma “semanálise”. Porém, somente em meados dos anos 1970 a paixão pela psicanálise tornou-se desejo de analisar-se e logo vocação analítica.

“A viagem à China em 1974 marcou um ponto de virada, no âmbito político e pessoal. Se assim o quiser, pode-se dizer que foi o fim da paixão política e o começo da paixão ou da vocação psicanalítica. Eu não era realmente maoísta, apesar de que caí em algumas tentações pró-chinesas, com os sectarismos que já sabemos. Eu me interessei pelo idioma, já o havia estudado antes, e fui à China com a esperança de que florescesse um verdadeiro socialismo – diferentemente do pesadelo burocrático europeu. Contudo, a decepção foi massiva. Voltei de lá um pouco em crise, decidida a analisar-me.”

“No entanto, antes de continuar, tenho de dizer que Lacan, no último momento, não se juntou a nós à viagem à China, porque não estava bem com sua “amiga” de então. De fato, poucos dias antes de viajarmos, íamos jantar os quatro juntos, em seu restaurante favorito, mas ela não chegava. Lacan estava terrivelmente inquieto e nos convidou para acompanhá-lo até a casa dela. Tocamos a campainha e ninguém atendeu. Estávamos na calçada e eu olhei para cima e de sua janela vi um homem. ‘Ai, um homem’, disse com uma espontaneidade um tanto ingênua. Lacan não se conteve e quis subir. Quando ela finalmente abriu a porta, o que se descobriu é que aquele homem era um discípulo de Lacan, um analista que supervisionava (seus casos) com ele. Ora, se conto tudo isso, é para que se possa compreender minha surpresa e decepção quando, ao retornar de viagem, pedi a Lacan que me recomendasse um analista... E ele me recomendou aquele homem da janela.”

“Essa promiscuidade um tanto perversa me chocou e confundiu. Por sorte, relatei essa história a um amigo búlgaro, o linguista Ivan Fonagy, que me ajudou a não cometer um erro, recomendando-me um grande analista: Ilse Barande. Então, deixei de frequentar o seminário de Lacan. E logo depois decidi fazer a formação de psicanalista na Sociedade Psicanalítica de Paris. Em 1977, quando publiquei meu livro *Polylogue*, Lacan me ligou convidando-me para falar em seu seminário. Embora não tenha aceitado, voltamos a nos encontrar. Ele elogiou o livro e me disse: ‘Você não precisa da minha Escola’. Eu acredito que nessa época Lacan estava farto do lacanismo e começava a pensar em desfazer sua Escola. Porém, ele sempre valorizou meu trabalho.”

“Como psicanalista, sou neta de Jacques Lacan e filha de André Green – que foi seu discípulo, mas logo desenvolveu um pensamento próprio. Isto é, sou uma analista pós-lacaniana. Inscrevo-me em uma filiação freudiana antidogmática que lê os grandes autores pós-freudianos (como Lacan, Klein, Bion, Winnicott e outros) que enriqueceram o pensamento psicanalítico à luz dos desafios clínicos e culturais atuais. Reconheço a contribuição de Lacan para renovar a psicanálise, especialmente para recentralizar a experiência analítica em torno da linguagem. No entanto, também reconheço os limites reducionistas de uma perspectiva que não inclui suficientemente o afeto, o corpo, a história. A crítica a esse reducionismo e o desenvolvimento pioneiro tem sido o papel fundamental de André Green, em conjunto com outros, para que a psicanálise se torne contemporânea. Os autores pós-lacanianos, como Piera Aulagnier ou Didier Anzieu, permitiram-me entender o

que chamei de ‘as novas doenças da alma’ (como os estados fronteirços, a anorexia, as adições, a psicossomática, etc.). São quadros que demandam uma abordagem que seja capaz de escutar o infralinguístico, o pulsional irrepresentável, o que Green denomina de ‘a heterogeneidade do significante analítico’. É nessa linha que se inserem minhas pesquisas sobre semiótica.

“No entanto, se destaco, entre todos os pós-lacanianos, André Green, não é apenas por sua obra, mas sim porque acompanhei seus seminários, além de ele ter sido meu supervisor, meu mestre na clínica. Sua profunda abertura ao outro e à sua singularidade me marcaram. ‘Mantenha-se bem próxima do discurso do outro’, é uma de suas indicações que ainda hoje repercute em mim. Sua cumplicidade benevolente sempre estava e está disponível para animar aquele que quer ir fundo na experiência da transferência e da contratransferência, com o propósito de acessar (e de ajudar para que o outro acesse) o mais singular de sua alteridade e de sua identidade. Green é o pensador com o qual mais dialogamos – nós, os analistas –, quando pensamos nossa prática. Em contrapartida, André é um amigo, com um bom senso de humor. Telefonei para ele alguns dias depois de voltar da Itália, após participar do primeiro encontro humanista de laicos com o Papa, e ele me disse: ‘Parabéns – ria-se – agora você é a Papisa da Pisanálise’.”

Nesse ponto, após tantos relatos apaixonados e apaixonantes, digo-lhe: *o humor, como a amizade, é uma paixão salvadora*. Ela ri com disposição de paráfrase borgeana: “O dom da amizade”, diz com humor, mas sem ironia. A amizade, essa paixão sublimada, talvez seja a chave mais evidente e ignorada da trajetória de Julia Kristeva.